

CITY OF BROKEN PROMISES ENQUANTO ROMANCE ETNOGRÁFICO: REPRESENTAÇÕES DA MACAU SETECENTISTA ¹

Rogério Miguel Puga

Centro de Estudos Anglo-Portugueses,

Universidade Nova de Lisboa

Potugal

rogeriopuga@mail.com

Sinopse

Partindo do conceito de romance etnográfico utilizado no âmbito dos Estudos Literários e também Antropológicos, analisamos o romance histórico *City of Broken Promises* (1967), de Austin Coates, bem como a forma como a narrativa recorre a um variado número de temáticas antropológicas e estratégias literárias para representar os espaços e a vivência quotidiana das diversas comunidades (inglesa, portuguesa e chinesa) da Macau setecentista.

Palavras-Chave: Antropologia e Literatura, romance etnográfico/histórico, Macau setecentista.

Abstract

Using the concept of ethnographic novel, we analyse the historical novel *City of Broken Promises* (1967), by Austin Coates, and the way this narrative uses a number of anthropological and literary devices to represent the spaces and the everyday life of the several communities (English, Portuguese, Chinese) of seventeenth-century Macao.

¹ O presente artigo é uma versão aumentada de um capítulo da nossa Tese de Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses (Universidade Nova de Lisboa, 2006).

Key words: Anthropology and Literature; ethnographic/historical novel; seventeenth-century Macau.

Romances etnográficos como *The Delight Makers* (1890), de Adolf Francis A. Bandelier; *Laughing Boy* (1929), de Oliver la Farge; *Shadows in the Sun* (1954), *Guardian Spirit* (1958) e *The Shores of Another Sea* (1971), de Chad Oliver; *Yawar Fiesta* (1941), de José María Arguedas; *Last Cool Days* (1971), de John Stewart, *Os Papéis do Inglês* (2000), de Ruy Duarte de Carvalho, e *After Life: An Ethnographic Novel* (2006), de Tobias Echt, podem definir-se quer como narrativas ficcionais produzidas com base em resultados de trabalho de campo, sendo utilizados materiais provenientes dessa investigação empírica para caracterizar comunidades ou povos de forma o mais aproximada da realidade possível, quer como textos ficcionais “que criam locais, personagens e acções que o público julga serem autênticos em termos de uma situação cultural, social e política”¹. Ao longo deste estudo pretendemos abordar, do ponto de vista literário, *City of Broken Promises* (1967, doravante *CBP*), de Austin Coates (Inglaterra: 1922-Portugal: 1997), enquanto romance histórico e ‘etnográfico’. A narrativa ficcional em questão representa os interesses económicos anglo-portugueses na Macau setecentista, bem como a relação amorosa entre o sobrecarga inglês Thoms Kuyck Van Mierop e a jovem chinesa Martha da Silva, cuja ascensão social é apresentada numa sociedade patriarcal até ao momento em que esta se torna a mulher mais rica da cidade e é aceite socialmente pela oligarquia local. Relativamente ao chamado romance etnográfico, Barbara Tedlock (2000: 461) afirma que esse subgénero é diferente de outros “in that it conforms not only to the principles set up within the text itself, but also to those within the external culture the novel describes. Thus ethnographic novels combine internal textual accuracy with external cultural accuracy”, ou seja, a trama ficcional remete para referentes extraliterários do mundo ‘real’, continuando a autora: “For this type of novel to be

¹ Fernea, 1989: 153, tradução nossa. Sobre o conceito de romance etnográfico, vejam-se: Thomas: 1987; Geertz, 1988: 41-53, 92-113, 152-163; Pierson, 1989: 15-30; Aldridge, 1989: 41-63; Whitlark, 1989: 77-86; Handler e Segal, 1990; Buzard, 1997: 445-473 e Angelis (ed.), 2002: 11-42.

considered ethnographically complete, it must contain accurate information on how the ethnic group portrayed is organized and how it relates, or refuses to relate, to the wider world”, informação essa que não poderá deixar de ser subjectiva, e que não deve ser entendida como reflexo exacto da realidade, como muitas vezes acontece com o romance histórico. As abordagens ou estratégias de construção do romance etnográfico que acabámos de referir podem coexistir numa mesma obra, tal como acontece em *CBP*, pois, se muitas das práticas culturais e dos acontecimentos representados ficcionalmente nessa narrativa são facilmente reconhecidos pelo leitor informado, que os associa aos referentes do mundo real, a acção do romance é fruto da actividade criativa do autor e do leitor, sendo, no entanto, influenciada por elementos e episódios históricos. Estas estratégias de representação e construção da diferença, ou seja, do Outro, não deixam também de funcionar como processos de orientalização, como defende Edward Said em *Orientalism* (1978).

Não sendo a Etnografia e a História (sempre) representações miméticas da realidade, a intriga do romance (narrativa ficcional) de que nos ocupamos ganha forma através do recurso à História da Macau setecentista, como atestam o sumário do historial da presença inglesa na Ásia apresentado logo na terceira e quarta páginas da obra, as referências à investigação arquivística do narrador/historiador/etnógrafo, bem como a relação de intertextualidade entre o romance realista e os vários estudos de cariz etnográfico e historiográfico de Coates sobre Macau e Hong Kong. Uma comparação entre *CBP* e *Macao and the British: Prelude to Hong Kong* revela que o Autor retira dos seus estudos e experiência pessoal na China material para construir o ‘mundo possível’ da narrativa ficcional, nomeadamente o *background* histórico-cultural, como veremos. Se atentarmos na representação da cor local e das vivências ocidental e oriental quer de Macau quer da China meridional em *CBP*, podemos concluir, tal como Clifford Geertz (1993a: 9), que os métodos etnográficos de análise da cultura se aproximam, até certo ponto, da tarefa do crítico literário ao analisar um texto, “*sorting out the structures of signification [...] and determining their social ground and import [...]. Doing ethnography is like trying to read (in sense of constructing a reading of) a manuscript.*” George E. Marcus e

Michael J. Fischer (1986: 30-33), ao estudar as estratégias retóricas das etnografias e ao questionar a etnografia enquanto representação objectiva da realidade, partem dessa comparação metafórica de Geertz para lhe adicionar uma outra, a do diálogo em que o observador participante, a comunidade que é objecto de estudo e o leitor (receptor) da monografia se devem envolver ao comunicarem com uma cultura-outra. O narrador de *CBP*, a quem também chamaríamos narrador-etnógrafo, leva a cabo esse processo ao basear-se na tradição oral da cidade, como indica, em parte, a expressão “*as it was commonly said*” (60), de forma a (re)construir a vivência e a paisagem antropológica do enclave, aproximando a sua função quer da do informante (do leitor) quer da do etnógrafo¹, ao aprender a língua dos ‘nativos’ para melhor os compreender e grafar posteriormente ao traduzir, para inglês, as falas de Martha em português, cantonense e *patois* e ao comentar os hábitos culturais das diversas comunidades (chinesa, portuguesa, inglesa). Por exemplo, próximo do final do romance, a protagonista chinesa Martha da Silva Merop (1766-1828) viaja até à ‘terra-china’, ou China profunda, e contacta com uma das muitas etnias chinesas que também Coates observara em Hong Kong (Coates, 1990a: 198-200), os Hoklo, episódio que adensa a cor local do texto.

Definimos romance regional como uma narrativa cuja acção tem lugar num ambiente socio-ecológico específico e intensamente caracterizado, subgénero que se aproxima do romance etnográfico e que, tal como o denominado romance de espaço, representa o *modus vivendi* e a paisagem natural e humanizada de uma determinada região geográfica, atitude semelhante à do narrador de *CBP* quando ficcionaliza de forma realista/verosímil os espaços e o tempo históricos, relacionando-se assim as dimensões histórica, etnográfica e regional da narrativa no que diz respeito à caracterização da Macau setecentista (1766-1796), das personagens e do período em que estas se movem, permitindo uma abordagem comparatista entre as civilizações chinesa e europeia, a partir da vivência etnográfica do reduto luso-chinês. George E. Marcus e Michael J. Fischer (1, 20-23) abordam a Antropologia como uma forma de crítica cultural para as sociedades

¹ Sobre a relação da História com a Etnografia no romance histórico, *vide* González, 1986: 109-110.

ocidentais, ao recorrer a retratos e descrições de culturas-outras que nos fazem repensar pressupostos há muito adquiridos, sendo essa uma das práticas utilizadas pelo narrador de *CBP* ao comentar criticamente atitudes e reacções de personagens colectivas, como os sobrecargas da East India Company (EIC) em Macau, nomeadamente a postura etnocêntrica dos ingleses e as relações que mantêm com as amantes chinesas das sombras, escondidas. Se o conceito de etnografia abarca simultaneamente o produto da investigação (monografia) e o processo de estudo (observação participante/trabalho de campo), estes dois últimos termos podem ser aproximados da tarefa do narrador, pois a comparação das práticas culturais das três comunidades que compõem o tecido social do Território tornam o romance um retrato ficcional realista do quotidiano setecentista da urbe, enquanto contextualizam o processo formativo de Martha. É dessa comunhão entre a História e a Antropologia na ficção que surgem as especificidades do romance em questão, que podemos classificar também como etnohistórico.

1 “A city like no other in the world”: a dimensão etnohistórica da Macau setecentista

A dimensão etnográfica de *CBP* interpreta e explica a vivência social e as culturas que interagem no espaço e tempo da acção ficcional, explicando o próprio Coates a forma como os elementos e práticas culturais por ele investigados se transformam propositadamente em artifícios narrativos do texto ficcional:

My novel [...] was carefully researched. I discovered [...] that in those days the Europeans lived up on [...] the first floor, and their servants, who would of course be Chinese, lived on the ground floor. The Chinese, then as now, would change into slippers when they came in from the street, but the Europeans would keep their boots on. The result of this was that you could hear a European come clumping up the stairs, but you probably wouldn't hear a Chinese wearing slippers. This turned out to be very important, and the crux of one incident in the story (in Bradley, 1999: 14).

O romancista refere-se ao episódio em que Ignatius sobe as escadas “*in his cloth slippers*” (CBP: 227), sem que os patrões notem a sua presença, ouvindo o casamento simbólico de Martha e Thomas. Essa imagem do empregado sínico com chinelos silenciosos é utilizada no início e a meio do texto (16, 162) para preparar este episódio e caracterizar a personagem colectiva chinesa. As estratégias e formas de representação de CBP assemelham-se às utilizadas por antropólogos, tais como o comentário em torno da alteridade, ou seja, do Outro civilizacional, e a contextualização cultural, aproximando a obra de uma monografia etnográfica, exigência do romance histórico (Puga: 2006), pois o leitor deverá ser familiarizado com um tempo e espaço distantes (a Macau setecentista), e, no caso de CBP, uma cultura diferente, podendo o processo de selecção de material etnográfico a inserir num romance histórico ser analisado à luz da seguinte afirmação de Thomas G. Winner (1988: 52):

[The] historical novel [...] can lay claim to a high degree of homomorphy between text and life [...]. Utilizing the terminology of the Russian formalists, we may say that a historical novel transforms the fabula of the historic events into the sujet of the novel; or that it transforms raw historical data into what Genette [...] called a récit, by removing facts from their historical sequentiality [...], and by reordering these facts to fit into the artistically rearranged sequence of the novel.

Se a representação literária de comunidades, tradições e locais da Macau setecentista na narrativa pode ser interpretada à luz de estudos históricos e antropológicos sobre o território (Cabral e Lourenço: 1993), também a forma como esse processo tem lugar nos permite identificar em CBP uma dimensão etnohistórica². O leitor informado reconhece assim as personagens e os acontecimentos históricos ficcionalizados, bem como quadros humanos e costumes de uma Macau há muito desaparecida e que enriquece

² Sobre as relações entre Antropologia, Literatura e Estudos Literários, nomeadamente no âmbito das chamadas Antropologia da Literatura e Antropologia/Etnocrítica do Romance, vejam-se: Poyatos (ed.), 1988; Dennis e Aycock (eds.), 1989; Iser, 1993a: ix-21, 171-303; 1993b: 262-284; Benson (ed.), 1993; Daniel e Peck (eds.), 1996; Girard, 1997: 9-17, 143-160; Domínguez (ed.), 1997; Rapport, 1997: 1-29, 164-179; Scarpa, 2000 e Assmann, 2000: 199-215.

o tecido ficcional de *CBP*, não podendo essa presença ser ignorada em prol de uma leitura da obra como fruto apenas do poder criativo que dá lugar à ficção. As vertentes histórica e etnográfica enriquecem o conteúdo e a forma do romance ao elaborarem um jogo de significados e leituras apenas possível ao leitor competente, daí que o narrador recorra ao diário de Thomas Mierop para representar a memória da época em questão, sendo as fontes autobiográficas também utilizadas por antropólogos e historiadores para estudar símbolos culturais, o género, a alteridade, a cor local e os hábitos e costumes dos mais diversos locais e épocas.

Tal como o historiador, o antropólogo debruça-se sobre áreas da identidade, e *CBP* tenta recuperar ou dar visibilidade, através da ficção, e de acordo com o paradigma pós-moderno³, aos esquecidos ou às vozes silenciadas da História, como a mulher chinesa em Macau, neste caso Marta da Silva Van Mierop, uma figura histórica cuja caracterização leva Manuel Teixeira (1968) a “autopsiar” criticamente o romance a partir de questões exclusivamente etnohistóricas e não literárias. A predominância da descrição de elementos quotidianos da Macau setecentista e da focalização de Martha aproxima a atitude do narrador da capacidade de ouvir que o antropólogo demonstra ter ao recolher informação dos seus informantes, devendo ser essas as vozes predominantes na monografia que resulta da experiência e das notas do trabalho de campo. De acordo com Geertz (1993b: 58), o antropólogo tenta interpretar o ‘mundo’ do ponto de vista do nativo, relação que o narrador de *CBP* estabelece com a protagonista através da mensagem presente logo no título do romance, ou seja, as promessas que os ingleses não cumprem junto das amantes chinesas, que são sempre abandonadas aquando do regresso destes à Europa. A partir da referência à investigação em arquivos locais e do conhecimento que o narrador-escritor europeu revela ter sobre a cultura e a geografia regionais, o leitor infere que este se deslocara a Macau e desenvolvera um trabalho de investigação para redigir o texto final, e partindo dos detalhes históricos e etnográficos que servem de suporte à caracterização espacio-temporal da acção, podemos ainda,

³ Sobre as questões que a crítica pós-moderna tem levantado em torno da historiografia como representação objectiva da realidade, temática da qual não nos ocupamos, vejam-se, entre outros: White, 1978^a: 47-62, 1978b: 70-79 e 2000: 391-406; Lamarque e Olson, 1994: 171-229; Cohn, 1999: 114-130 e Iggers, 2000: 373-390.

citando Clifford Geertz, aproximar, até certo ponto e no que diz respeito à representação de Macau, *CBP* da monografia etnográfica, que, tal como os romances regionais de cariz realista, retira alguma da sua capacidade de convencer “through the sheer power of [its] factual substantiality. The marshalling of a very large number of highly specific cultural

Details has been the major way in which the look of truth - verisimilitude, vraisemblance, *wahrscheinlichkeit* - has been sought in such texts.” (Geertz, 1989: 3, *vide* também Firth, 1989: 48-52).

Se, no âmbito da interdisciplinaridade que caracteriza cada vez mais as Ciências Sociais, o antropólogo recorre aos métodos de trabalho da História e o historiador aos da Antropologia, o narrador de *CBP* acumula funções de ambos, inclusive ao preocupar-se com a imagem que o presente cria e apresenta do passado, nomeadamente das comunidades ocidental e oriental da Macau setecentista, resultando o mundo possível do romance também desta inter-relação. A dimensão etnográfica da narrativa de Coates serve também o propósito de descrever a sociedade patriarcal em que a formação de Martha tem lugar, bem como os obstáculos e as vitórias que tornam o seu percurso único numa cidade multicultural que, antes de ser ‘conquistada’ pela protagonista, é local de fortes tensões amorosas, sociais e raciais. As descrições etnohistóricas do território caracterizam quer o tempo e o espaço pitorescos quer o género, o grupo social e a etnia das personagens chinesas e europeias, apresentando um rigor ‘etnográfico’/etnohistórico que adensa a representação literária do *modus vivendi* e *ethos* locais, veiculados igualmente através da cor local interior (doméstica) e exterior (urbana), dos costumes e dos valores morais, que se tornam, assim, artifícios narrativos de que o narrador se serve para contextualizar a acção ficcional. De acordo com a informação que nos foi cedida pessoalmente, no Convento da Arrábida (04-2002) e através de *email* pelo Professor Doutor Paul Rule, com base em investigação levada a cabo no espólio de Jack M. Braga, na Biblioteca Nacional da Austrália, Austin Coates troca correspondência com o historiador macaense nos anos cinquenta e sessenta, e Braga envia-lhe informação histórica/etnográfica, que lhe possibilita representar de forma verosímil o tempo e o espaço históricos da acção de *CBP*. Num dos *emails* (30-04-2002), Paul Rule afirma, com

base nas missivas trocadas pelos dois autores: “*Jack helped him [Coates] with his novel on Macao with details on religion, value of money, shipping, houses, size of breasts and smoothness of skin of Macanese etc. v. J.[ack] B.[raga] to Coates, 25/7, 28/7 & 9/8/1961, Box 51, fourth folder.*” Também Fung-kwai Yim, herdeiro legal de Coates, nos confirmou (Colares, 11-2001) que Braga informa o romancista da história de Marta Van Mierop ao visitarem a Santa Casa da Misericórdia do enclave, onde se encontra um retrato da mesma. Uma outra semelhança que o romance em questão partilha com o discurso antropológico é a preocupação com o exotismo (pitoresco, no caso de *CBP*), ou a alteridade, da Macau setecentista ao apresentar quadros da vivência pluricultural da cidade. A intensidade do retrato etnohistórico do território forma-se gradualmente através da caracterização e da confluência não apenas do espaço local e do tempo histórico, mas também dos interesses, das atitudes e esferas de acção das personagens dos mais variados grupos sociais e étnicos, construindo-se a relação antropológica entre membros de diversas etnias e culturas, contrapondo o ‘cá’ e o ‘lá’, dimensão na qual o Outro exótico, neste caso as personagens chinesas, é representado não de forma vaga, mas apreendido como uma (id)entidade singular.

Através das inúmeras bandeiras hasteadas nos barcos atracados na Taipa, o centro portuário nas margens de uma nação impenetrável é caracterizado como cosmopolita e multicultural, servindo de porta de entrada para os comerciantes ocidentais. Após chegar à cidade em 1780, Thomas Mierop afirma que esta “*though situated in China [...] is of itself a part of Europe, [...] subdued by Roman Catholic superstitions, yet all the same it is Europe*” (*CBP*: 6), conjugando-se a familiaridade da esfera europeia com o exotismo provocado pela distância geográfica e diferença cultural experienciadas pelo viajante ocidental, nomeadamente através do paladar da cozinha macaense, na qual se fundem ingredientes e sabores do Império Português, evidenciando o facto de a história dos “filhos da terra” ou macaenses (*vide* Amaro: 1988; Cabral e Lourenço e Costa, 2005: 175-199) ultrapassar o âmbito das relações entre a China e Portugal: “*Macao’s extremely sweet and sticky cakes, made of glutinous rice, coconut, molasses, and other less identifiable ingredients in which the confectionary arts of Europe, India, China and Africa were weightily combined.*” (*CBP*: 124).

Os frequentes comentários explicativos do narrador e muitas das referências etnohistóricas veiculadas através das personagens caracterizam os microespaços português e sínico, nomeadamente através: do vestuário, do rabo de cavalo e da cabeça rapada dos cules que transportam diariamente para Macau os víveres que vendem aos portugueses (*CBP*: 8-11, 36, 125, 128); da representação do espaço doméstico - preenchido pela mobília oriental - como local de reclusão feminina e cuja materialização encontra continuidade no vestuário escuro e no dó com que as mulheres se cobrem ao sair à rua (16, 18, 101, 146, 216, 268, 303) a pé, de cadeirinha ou palanquim (180, 205, 242, 251, 261); da utilização dos pancares no Verão (93, 243-244, 260); da construção de andaimes e paliçadas em bambu (301); dos passeios vespertinos dos residentes estrangeiros (99); da numerosa população marítima e fluvial constituída por famílias de diversas etnias que navegam em sampanas e juncos (50, 300-301); da exótica flora local e importada do Império Português (122); da proibição da permanência de mulheres estrangeiras na China e em Macau (33-34); do comércio entre o enclave, Manila e o Brasil (102-103), entre outros apontamentos relacionados com a vivência e os artefactos culturais chineses. Num só parágrafo, o narrador acumula diversos símbolos sínicos como o pancar, as janelas típicas de Macau, o *sycee*, a balança chinesa e o gudão (118).

A apresentação biográfica de Martha no romance tem início no momento em que esta é abandonada à nascença nos degraus da Igreja de São Domingos, costume que, juntamente com a venda de “unwanted girl[s]” (*CBP*: 75-79), é frequente entre os habitantes sínicos de Macau, uma vez que, de acordo com a religião tradicional chinesa, apenas os filhos do sexo masculino podem prestar culto às almas dos seus antepassados e não abandonam os trabalhos do lar e da terra paternos ao casar (cf. Eastman, 1988: 15-45). As referências às tentativas de venda de Fong e Martha denunciam o valor menor atribuído às filhas pelos chineses, enfatizando a situação e singularidade do sucesso final da protagonista, que, ao engravidar, informa Thomas que se o bebé for uma rapariga ela própria procederá de acordo com o “Chinese custom” (*CBP*: 109). A jovem, educada por freiras portuguesas, que já rejeitara a sua identidade sínica e se considera lusa, age neste instante como se fosse chinesa, e Thomas recorda as crianças de pai inglês, fruto da

miscigenação em Macau, que apenas brincam em público quando a vergonha transmitida pelos seus progenitores se esbate (CBP: 110). A miscigenação e a identidade étnica são assim apresentadas sobretudo a partir do ponto de vista feminino, tal como as consequências por vezes fatais que a primeira acarreta para as mulheres chinesas como Fong, assassinada pelo marido, que a abandonara à mercê de homens como Cuming, que acaba por violá-la.

Os discursos escrito e falado de Thomas revelam uma mente humanitária que critica a hipocrisia e o andro/etnocentrismo da vivência ‘colonial’ dos ingleses, que, longe da moral britânica, rejeitam amantes e filhos nativos. Já entre os portugueses, a miscigenação é frequente e não tão rejeitada socialmente, uma vez que estes, tendo-se estabelecido em Macau por volta de 1557, cedo formam família com mulheres chinesas e do resto do Império, dando origem à etnia dos macaenses, denominados de “filhos da terra”, à qual Pedro da Silva pertence, como se depreende da descrição física do jovem “fidalgo” (CBP: 97). Ignatius, com olhos euroasiáticos e fruto da violação de Fong por Cuming, é também descrito fisicamente com características típicas dos dois mundos em interacção na cidade (174-175), enquanto uma das mais influentes figuras da Macau multicultural, o juiz Pereira, é natural do Brasil e apresenta traços africanos. As questões da fisionomia e tez enquanto marcadores étnicos encontram-se igualmente presentes na observação de Martha quando Ignatius regressa da sua viagem marítima: “*You’re as black as an Indian*” (257). Relativamente à caracterização da mulher chinesa encontramos, para além do vestuário e do corte de cabelo, estereótipos culturais que facilitam a leitura e vão de encontro às expectativas e imagens que o leitor ocidental já detém do Oriente, tais como as curtas passadas da mulher de Ah Sum, devido aos seus pés enfaixados, prática descrita com espanto por inúmeros visitantes ocidentais na China (Low, 2002: 69-70 e Levy, 1970). A descrição da clausura e dos divertimentos dos sobrecargas em Cantão evidencia a singularidade de Thomas, que se mantém fiel à jovem chinesa quando os colegas se entregam ao prazer nos eufemísticos ‘barcos de flores’ (*kwating*) e ao jogo, actividades características também da Cidade do Santo Nome de

Deus (89, 163). *CBP* faz ainda eco de problemáticas etnoreligiosas que têm ocupado os estudiosos da História de Macau, nomeadamente a questão da origem etimológica do nome português da cidade: “*a group of the supercargoes had taken a walk to the southern tip of Macao, passing the fishermen’s temple of A-Ma, from which Macao takes its name*” (99, itálico nosso). A origem do topónimo não se encontra totalmente esclarecida, sendo a tese mais divulgada a que o narrador apresenta, ou seja a relação etimológica entre o topónimo e o termo cantonense para “porto da deusa *Ma* ou *A-Ma*”. O discurso do narrador assume assim um tom de documentário que acompanha personagens através da geografia e toponímia do reduto luso-chinês e contextualiza as referências quer à origem dos diversos produtos comercializados na urbe quer às medidas de peso e moedas de troca utilizadas na China, respectivamente, o tael marítimo e o *sycee* (266).

As festividades europeias e sónicas marcam presença no espaço e no tempo cíclico da acção, descrevendo *CBP* práticas culturais dos autóctones, nomeadamente rituais e costumes religiosos como a queima de panchões em casamentos e de pivetes e incenso na rua, nos templos e em altares (*CBP*: 129, 286, 303), quadros completados pela descrição dos barulhentos vendilhões ambulantes, mensageiros de Martha e Pedro da Silva. Tal como o narrador descreve num dos inúmeros comentários de contextualização etnohistórica (*CBP*: 129): “It was customary in Macao for hawkers of fruit and vegetables to cry their wares through the quieter streets of the city. The slight movement caused by an alteration of the angle of the lattices of a shuttered window was sufficient to make any hawker stop”. O vendedor ambulante, “que no seu atarefado dia carrega aos seus ombros o fardo de uma longa tradição” (Nunes, 1998: 163), pauta o pulsar da cidade com os seus característicos pregões e constitui um quadro típico e uma das mais famosas profissões locais, relacionando-se a sua tarefa com o espaço de manobra reservado à mulher chinesa e macaense, o lar de onde esta pouco sai e sempre coberta pelo dó. Essa reclusão é apresentada por Ana Maria Amaro (10-1965: 49) e Luís Gonzaga Gomes (1994: 137, 146) para explicar a enorme importância desses comerciantes itinerantes, à qual podemos juntar o calor e a humidade extremos que se fazem sentir no Verão em Macau, a quase inexistência de lojas na cidade e a segurança do sexo feminino, assim menos exposto ao

perigo do desconhecido, realidade à qual o narrador também alude: “*Unseen from the street the lady of the house would call down through the lattices for what she wanted, and lower a basket tied to a cord. After the required fruit and vegetables had been hauled up, the basket would be lowered again with sycee in it.*” (CBP: 129-130). Ao longo de *CBP* acumulam-se referências aos barulhentos vendedores de metal e de vegetais, bem como aos trilhos por eles utilizados e que ligam Macau à China profunda, de onde é originária a maioria dos habitantes do enclave, incluindo os empregados de Thomas como Ah Sum, que regressa à sua aldeia natal quando se reforma. Apesar de Martha não ser, até perto do final da

acção, uma mulher de elevado estatuto económico e social, recorre forçosamente aos serviços dos vendilhões para comunicar com o mundo exterior, por se encontrar enclausurada na casa de Thomas devido à ameaça quer das investidas sexuais de portugueses e ingleses quer da vigília constante de Teresa da Silva, macaense que se deseja vingar da jovem chinesa.

Os pormenores etnohistóricos apoiam a intriga do romance em prol da representação da cor local e da sensação do exótico que se vai esbatendo à medida que as personagens europeias se familiarizam com a dimensão chinesa de Macau; aliás, como afirma Peter Mason (1998: 1): “*the exotic [...] is not something that exists prior to its ‘discovery’. It is the very act of discovery which produces the exotic as such [...]. As a construct, the exotic is always up for renegotiation, as an invention, it is always open to reinvention*”, processo que se observa em *CBP* a partir das sensações físicas e psicológicas que Macau e a China profunda provocam em Thomas e Martha durante o processo de descoberta das esferas humana, arquitectónica e cultural. A caracterização gradual do espaço e das personagens permite ao narrador transmitir informação historicamente verificável, nomeadamente aquando dos formais jantares da E. I. C. em que os sobrecargas fazem brindes intermináveis ao Comité Selecto e à família real inglesa e aquando do baptismo público do *Merope*, durante o qual o leitor fica a saber, ou recorda, que as embarcações europeias de maior porte atacam na ilha da Taipa e não na península (299-300, 312). A investigação levada a cabo pelo narrador é, portanto, veiculada através de

comentários, nalguns dos quais este começa por fazer suposições para, logo a seguir, afirmar a sua certeza, reforçando a sua auto-caracterização como grande conhecedor da História e Etnografia de Macau: “The comprador, *it appeared*, was a Chinese merchant who provisioned and *in effect* managed the house” (14; itálico nosso).

Através dos diálogos intercivilizacionais entre as personagens orientais e ocidentais, o romance de Coates veicula representações e constructos mentais das diversas etnias/nacionalidades em interacção no espaço local. Thomas refere, logo no primeiro dia da sua estada na China, uma questão relevante da História de Macau, o foro de chão anual ou tributo pago pelos portugueses às autoridades chinesas e que se relaciona com a legitimidade do poder luso no enclave. O jovem inglês afirma: “*Macao is a Portuguese possession - or so claim the Portuguese. Their claim would seem to be belied by the fact that, according to Mr. Cuming, they pay the Chinese an annual ground rent for the use of the place*” (7), questão utilizada por inúmeros autores estrangeiros (Paine, 1797: fl. 27 e Low: 199) ao tentar minimizar a autoridade e o poder lusos na cidade, bem como pelo narrador para descrever o espaço da acção como um campo de poder e jogos de influência, dependendo, muitas vezes, a imagem da urbe dos interesses de quem a apresenta.

A cor local é uma das características do romance etnográfico e histórico, sendo associada, em *CBP*, a costumes e práticas culturais como a geomancia, o comércio, a religião no templo chinês e as peças de teatro que os oficiais da E. I. C. encenam em Cantão e Macau como forma de entretenimento. A representação dramática dos sobrecargas, embora mais sugerida que descrita, ilustra também os jogos de poder entre Thomas e Cuming quer no palco dos negócios quer nos bastidores e a sua simbologia política torna-se explícita quando o primeiro afirma que as conversas dos ingleses sobre o tráfico de ópio se processam através de significados ocultos (*CBP*: 98), ou seja, o seu rival Cuming comporta-se na vida tal como no palco da comédia de Richard Brinsley Sheridan (1751-1816), a *play-within-the-novel* na qual a arena política é revestida de *nuances* por desvendar. O protagonista serve-se, assim, de uma linguagem literária que reforça as poses e os interesses do teatro alegórico da presença inglesa no Império do

Meio, onde imperam sobretudo os objectivos comerciais que geram as ambiguidades e a corrupção características do comércio do Sul da China.

O universo sócio-cultural da Macau setecentista também é representado através dos nomes ocidentais que as personagens chinesas adquirem ao entrar na sociedade portuguesa, como acontece com Kwan Po, cujo nome de baptismo é Ignatius. A questão do nome associa-se, assim, às diferentes etnias que co-habitam na cidade, uma vez que o jovem recebe o seu nome europeu ao tornar-se cristão e Martha procura um apelido ocidental, que lhe confira poder e segurança. Já Pedro da Silva, a única personagem lusa a dominar o português e o inglês, é utilizado como intérprete pelos oficiais da E. I. C. para comunicar com as autoridades locais, demonstrando a importância dos jurubaças do enclave nos processos de estabelecimento dos ingleses na China e de introdução de inúmeros termos lusos ou de origem oriental na língua inglesa, alguns dos quais, como *amah* (ama) e *godown* (armazém doméstico, cave), são utilizados para representar o imaginário social e histórico do texto. Essa dimensão regional caracteriza *CBP* enquanto romance de experiência urbana, uma vez que a acção tem lugar no eixo Macau-Cantão, predominantemente no reduto sob administração portuguesa, e se os lusos e os chineses aí detêm o poder administrativo, os ingleses conquistam gradualmente a supremacia comercial e económica europeia. Macau encontra-se dependente do Estado Português da Índia, sob a alçada do vice-rei, estando as decisões locais sujeitas à aprovação de Goa e Lisboa, de onde chegam ordens que contrariam as acções repressoras do bispo da cidade contra as mulheres de má conduta e que acabam por influenciar Martha, que teme ser degredada para Timor devido à sua (falsa) fama de prostituta.

O tecido urbano é composto por microcosmos que enriquecem a sua vivência multicultural, não privando os ingleses com os portugueses, nem com os chineses, mantendo-se isolados na sua comunidade, à excepção de Biddle que, como agente comercial a operar com o nome da firma de Pedro da Silva, negocia e contacta com pessoas de todos os estratos sociais e nacionalidades. Esta realidade ficcionalizada em *CBP* é comprovada pelas diversas narrativas de viagem e descrições setecentistas de

Macau, nomeadamente o diário de Samuel Shaw (1754-1794) (1968: 245). É nas ruas do território que os membros das diferentes comunidades se encontram, tornando-se os locais públicos plataformas de comunicação entre ocidentais e orientais, e de onde se ausenta a maioria da comunidade anglófona a partir de Setembro, quando, no início das *trading seasons*, os mercadores se mudam temporariamente para Cantão. Os espaços marítimo e fluvial, intimamente associados à História de Macau, rodeiam o movimento das personagens inglesas para a feitoria de Cantão, rio das Pérolas acima, por entre juncos, sampanas, lorchas e outras embarcações locais, assentando muitos dos movimentos e da tensão da narrativa, tal como o início e o fim da acção, na viagem para o desconhecido. Num estudo de Daniel-Henri Pageaux (1994: 30-31) encontramos uma observação que se coaduna com a importância da simbologia da viagem em *CBP*, nomeadamente no que diz respeito quer à classificação do romance como etnográfico/histórico quer às caracterizações antropológica e exótica da Macau setecentista:

De toutes expériences de l'étranger, le voyage est certainement la plus directe, mais aussi une des plus complexes. L'historien peut s'intéresser aux voyages: faire histoire des voyages c'est comprendre le progrès des connaissances, le cheminement et la diffusion des informations sur des contrées lointaines, inconnues [...]. La voyage est une pratique culturelle datée: il requiert une approche historique et aussi anthropologique.

O isolamento cultural e a tensão psicológica da chegada do sobrecarga ao território exótico são veiculados através de uma sugestiva comparação com a “ilha dos Antípodas” (*CBP*: 3, tradução nossa). Para os ingleses, o Oriente simboliza um espaço sobretudo económico, realidade que Cuming tenta manter, e que Thomas procura modificar ao encarar os chineses e o comércio de uma forma digna e ao lutar contra a falsa moralidade e os interesses apenas monetários dos colegas, uma caracterização que o narrador-historiador justifica ao referir que Van Mierop nascera com a reforma no sangue (97), aludindo indirectamente ao primo deste, o filósofo Jeremy Bentham (1748-1832), referido

logo no início do romance. Do Porto Interior, a cidade apresenta-se perante o olhar do viajante como uma localidade portuguesa, conforme o atestam as construções de prestígio: o palácio do governador, a Santa Casa da Misericórdia, os fortes, as igrejas, a Casa Garden e a luxuosa sede da E. I. C., decorada à inglesa e onde os lusos não têm grande poder. Ao longo do texto são agrupados três espaços mais amplos, que correspondem aos poderes em acção no Oriente: Macau, onde apenas os portugueses podem adquirir terra ou casa, a Índia inglesa e Cantão, vigorando neste último empório apenas a lei e vontade sónicas. Na Cidade do Santo Nome de Deus a simbologia do espaço marca as relações de poder, encontrando-se as casas e lojas de fachada portuguesa decoradas com símbolos e artefactos culturais ao gosto chinês, metáfora da multiculturalidade que confere expressividade ao espaço da acção. O espaço simboliza também o estado de espírito e as situações em que as personagens se encontram, como acontece quando Martha, ao sair da casa de Teresa da Silva, se perde nas ruas da cidade que se assume simultaneamente como mapa e labirinto. No final da acção, o campo aberto, os arrozais, os montes e o mundo rural adensam-se longe da urbe, constituindo uma imagem tipicamente chinesa, onde não falta o cemitério que remete para os antepassados da protagonista e se funde com o relevo do cenário natural, recordando ao leitor a geomancia chinesa subjacente a qualquer construção humana, o *feng shui*. As crenças que regulamentam a vivência nativa e os hábitos quotidianos acabam por se exprimir na paisagem humanizada, como recorda o silencioso carreiro construído pelas viagens diárias dos vendedores chineses que se dirigem para os mercados, trilho que marca também a coragem da jovem, superior à dos cules que a acompanham rumo à China, amedrontados pela lei chinesa, que é simbolizada pela natureza selvagem da fronteira natural cada vez mais exótica para Martha, que nunca saíra de Macau, e para o leitor ocidental. A própria cidade cristã opõe-se cultural e socialmente ao Bazar chinês e às instalações dos empregados situadas nas traseiras das casas dos estrangeiros e descritas vagamente, adquirindo assim uma dimensão misteriosa na qual Biddle, falido, desaparece ao fugir dos ocidentais. Os outros espaços sónicos, como o mercado e os pagodes,

concorrem para a construção de uma esfera exótica paralela à da familiaridade da urbe ‘portuguesa’, pelo que o templo visitado por Martha no Porto Interior, e que o leitor detentor de ‘fluência cultural’ (conceito de Poyatos, 1988b:11) infere ser o de Á-Má, se encontra rodeado de uma ‘penumbra’ e de símbolos culturais desconhecidos que a órfã chinesa tenta descodificar:

The black, smoky atmosphere within, the faded silk pendants and altarcloths adorned with flowers and mysterious beasts, the smoke-blackened tablets hanging from the roof, the huge bronze bell [...], the bronze censers stuck with dozens of joss sticks sending upwards their acrid, heavy-scented fumes, everything combined to utter a greeting to her which was inimical. (CBP: 80).

A enumeração e a adjectivação dupla dos elementos exóticos acompanham o processo de descoberta da jovem que, através de uma analepse externa, recorda o interior das igrejas católicas que visitara na companhia de Auvray e que compara ao pagode por dissemelhança, recorrendo aos cinco sentidos para compreender essa nova dimensão chinesa até então desconhecida e animizada pelo movimento ascendente do fumo de incenso. A percepção sensorial das personagens é fortemente afectada pelo ambiente circundante e, por esse motivo, a descrição do templo é a mais intensa do romance, apenas comparável à atmosfera também exótica da China profunda no final da acção. As várias impressões visuais do local de culto espantam Martha, nomeadamente as mulheres com pés enfaixados, a caligrafia, a atmosfera negra e fumarenta, os pendentos de seda e os panos do altar com fauna e flora misteriosa, o sino de bronze, o cheiro e fumo de incenso, bem como a imagem da divindade estranhamente vestida. Após o processo de *dépaysement* ou *déplacement* e através da comparação por dissemelhança, a jovem conclui que é cristã e não chinesa, optando por viver no mundo dos ocidentais em Macau, embora rodeada por nativos que sempre ouvira descrever como ateus pecadores. Educada num ambiente português até aos nove anos, a órfã vê-se confrontada com uma dimensão que lhe é estranha, a da sua etnia. Se Michèle Longino (1997: 38) define exotismo como

“*tout signe à l'intérieur du discours qui indique, définit, se rapporte à des mondes, à des cultures, à des langues extérieurs à lui-même*”, o exótico, ao gerar dúvidas e reflexão, faz com que a protagonista se reveja e compare com lusos e chineses para mais tarde se encontrar e definir de forma mais segura e consciente, em confronto com o Outro. Se a protagonista estranha a vivência e o ambiente sínicos do templo, bem como a indumentária ocidental que Ignatius enverga ao regressar do mar, os aldeões na China profunda também se espantam perante Martha quando esta se desloca à Praia de Cacilhas envergando roupa europeia, esboçando-se neste jogo interactivo de espelhos uma marca fundamental do exotismo antropológico e literário: o espanto mútuo e a estranheza face ao que é diferente. Em *CBP*, o Outro não é apenas objecto do espanto do observador-viajante europeu, expressando o primeiro também a sua reacção perante o fenómeno da alteridade e a sugestão do longínquo que o encontro com o ocidental e a percepção da diferença acarretam. Se o narrador descreve maioritariamente o espectáculo da alteridade que Macau representa para o europeu, fica também implícito que o fenómeno da apreensão do exótico é mútuo, pois o vestuário feminino ocidental é ‘roupa de prostituta’ para as mulheres chinesas da cidade e motivo de espanto para os Hoklo:

[...Martha] an object of astounded curiosity, a Chinese in European clothes” (288).

A curiosidade do observador é associada ao exotismo, que rima fonética e semanticamente com erotismo, encontrando-se o espaço da acção repleto de provas dessa rima, pois o fascínio dos europeus pelas mulheres orientais, a miscigenação, as escravas importadas do Império Português e a prostituição são temas relacionados com o ostracismo social, o género e a diferença cultural (76, 79, 89, 99, 110, 139, 174, 200). O olhar perante o exótico é por isso mesmo um olhar antropológico marcado pelo sentimento de pertença, processo que Tzevtan Todorov (1982: 254) denomina de exotopia e que tem lugar num espaço periférico, onde se dá o confronto com o Outro, presente, do ponto de vista do leitor ocidental, logo na capa de *CBP* através do retrato de Marta.

2. O exercício intertextual entre *CBP* e os estudos de Coates sobre Macau

O quadro que apresentamos de seguida sintetiza os exercícios premeditados de pastiche e ressonância entre os excertos de estudos de Coates sobre Macau e Hong Kong e *CBP*, nomeadamente em relação aos acontecimentos históricos e ao material etnográfico utilizados no romance para descrever a Macau setecentista. Destacamos, em itálico, os apontamentos etnográficos e episódios históricos presentes (implícita e explicitamente) no romance e que são abordados em *A Macao Narrative*, *Macao and the British* e *Myself a Mandarin*, sendo a paráfrase entre esses textos mais que evidente.

Quadro n.º 1: Análise comparatista de elementos etnográficos e históricos referidos em *A Macao Narrative*, *Macao and the British*, *Myself a Mandarin* e *CBP*.

<i>a) A Macao Narrative</i>	<i>Relevância para CBP</i>
<p>“There were no shops in Macao, nor were there till well into the nineteenth century. When wines, dried foodstuffs [...] arrived from Europe, word quickly went around, and one purchased in bulk from the shipper or his agent. As a result, each house needed a large amount of storage space” (33).</p>	<p>- caracterização do espaço local e da actividade mercantil quer de Biddle quer, mais tarde, de Martha; - descrição do <i>godown</i> na casa de Thomas (157, 267).</p>

<p>“[...] In addition to its orphanage, the Santa Casa [da Misericórdia] [...] also administered large charitable funds, used for such purposes as providing dowries for orphan girls [...]. Nor was it ever short of money. The big traders made and gave handsomely. [...] Without a dowry, the only future for a parentless girl was to join a religious Order or sink to beggary.” (51-52).</p>	<p>- o recolhimento de Martha e o apoio dado pela Santa Casa para a sua educação no Convento; - doação de Martha à instituição; - questões dos dotes das jovens em Macau e da segurança possibilitada por Thomas a Martha; - os dotes da sobrinha de <i>Sister Grace</i> e de <i>Dominie</i>;</p>
<p><i>b) Macao and the British</i></p>	<p><i>Relevância para CBP</i></p>
<p>“Pidgin English had long since replaced the Portuguese as the <i>lingua franca</i> of trade. [...] Much of it was incomprehensible to a newcomer from England, and it contributed strongly to the air of make-believe, giving an unearthly character and atmosphere to every situation in which Europeans and Chinese were involved” (61).</p>	<p>- a caracterização da relação <i>master-servant</i> entre os ingleses e os empregados chineses, bem como do uso do <i>Chinese Pidgin English</i>;</p>
<p><i>c) Myself a Mandarin</i></p>	<p><i>CBP</i></p>
<p>“<i>Laughing</i>, as Chinese so often do when imparting news they know will hurt, he told me [Coates] what had happened.” (243).</p>	<p>“And with the Chinese protective reaction against the impact of displeasing news, he [Number Three] <i>laughed</i>.” (146).</p>

<p>“The man was [...] a <i>Hoklo</i> [...] <i>speaking a dialect of Fukienese</i>. The Hoklo are to be found all along the Southern coast of China [...]. In this instance, <i>the man spoke neither Cantonese nor Hakka, the two principal languages of the district</i>, and no one in the office could understand his dialect. [...]. Our <i>Hoklo fisherman</i> [...] was illiterate. [...] Mr. Lo managed to find an educated Hoklo [...] who could interpret [...]. Both husband and wife were <i>delightful-sun-tanned, healthy, and straightforward in the manner</i>. <i>The husband</i> was about thirty-five, <i>lined for his years by constant exposure to the elements</i>. <i>The wife</i> was a truly <i>beautiful</i> countrywoman [...] <i>with a splendid bone-structure, and calm, even eyes betokening transparent honesty</i>. [...] The Hoklo are among the coastal people of China who seldom have houses ashore. <i>If they feel a desire to live ashore, they simply drag their boat up the beach, and continue to live in it, but with a superstructural cabin added</i>. They do not feel comfortable on flat floors. [...] This particular couple had lived entirely at sea” (198-200).</p>	<p>“He wont understand that,” said the leader. “He’s a <i>Hoklo</i>.” “Can you understand his <i>language</i>?” asked Martha. “A little” [...].The bearer asked in the <i>outlandish tones of the Hoklo people</i>.” (289). “[...]“My daughter <i>takes the fish</i> to market,” the Hoklo volunteered” (pp. 289-290). “A <i>wizened, sun-tanned man</i> [...]” (289). “<i>The Hoklo wife, tough, dour and golden-skinned [...] and with ingrained dignity</i>.” (289). “A <i>small fishing boat lay grounded near the hut</i>.” (289).</p>
--	--

Muitos dos motivos literários destas intersecções temáticas são fruto do saber e da experiência adquiridos por Coates durante a sua estada na China, utilizando-os o romancista em *CBP* para caracterizar personagens, comunidades e espaços da Macau setecentista. *Myself a Mandarin* apresenta um conjunto de episódios autobiográficos que têm lugar durante a actividade diplomática do autor nos Novos Territórios de Hong Kong

(desde 1949), adaptados em forma de conto, pelo que podemos concluir que o romancista recorre à experiência pessoal para criar e caracterizar personagens fictícias chinesas que adensam a cor local e a dimensão etnográfica de *CBP*. Relativamente a *Macao and the British* e *CBP*, podemos verificar que as diferenças entre os dois textos, no que diz respeito ao episódio histórico do *Lady Hughes* (1784), se devem apenas à existência da contextualização geográfica e cultural em *CBP*, desnecessária em *Macao and the British* (79-82), estudo de carácter historiográfico destinado a um público mais informado, exercício de intertextualidade no qual podemos verificar a existência de treze frases iguais nas duas obras com pequenas variantes, como, por exemplo, os nomes das figuras históricas premeditadamente omitidos no romance, onde, ao longo de três páginas (104-106), o narrador descreve a morte dos dois chineses e as exigências mandarínicas a Pigou, presidente do Comité Selecto, em especial a entrega do navegador que disparara o fatal tiro de canhão e o conseqüente cerco das feitorias estrangeiras em Cantão. O pastiche, ou seja, a imitação criativa de um texto preexistente, torna-se, assim, no caso de *CBP*, um exercício realizado por um mesmo autor através de dois dos seus textos, assumindo-se o romance como um enunciado palimpséstico de sentidos, mensagens e intervências etnohistóricas transversais à Obra de cariz anglo-português de Coates. Relativamente ao fenómeno da intertextualidade nos textos em questão, e tendo presente o jogo de paráfrase e decalque observado ao longo do quadro n. 1, recordemos Mikhail Bakhtin (2000: 3-40) ao afirmar que a analogia da palavra com o mundo social torna qualquer texto dialógico através das relações estabelecidas com discursos anteriores e posteriores, ideia desenvolvida por Julia Kristeva ao defender que o texto se constrói com base num discurso social e cultural preexistente com o qual se relaciona. Também no romance de Coates se dá “a permutation of texts [...], several utterances, taken from other texts, [which] intersect [...] one another” (Kristeva, 1980: 36), fenómeno que o torna um *texte scriptible* (Barthes, 1974: 4-5), que, por sua vez, é alvo das interpretações do receptor informado, num processo que Barthes (4-5) define por oposição ao monologismo. O narrador-escritor de *CBP*, consciente da função comunicativa do texto, convida, duas vezes, o leitor a continuar o processo de (re)criação do romance,

nomeadamente quando enumera os locais geográficos que Martha nunca vira, afirmando “or what you will” (61), e quando, ao descrever os inúmeros temas de conversa que jovem utiliza premeditadamente para entreter Cuming, termina abruptamente, recorrendo à expressão “etc.” (122), deixando o resto da frase à mercê da imaginação da instância receptora, a quem se destinam igualmente os inúmeros comentários interpretativos. Esta atitude confere liberdade ao destinatário da narrativa, também ele um elemento textual implícito ou implicado na mesma, motivando-o a complementar o texto ao continuar a enumeração. As interpelações ao leitor funcionam, portanto, como auto-referências do próprio texto, envolvendo o horizonte de expectativas (Iser, 1978: 99 e Jauss, 1982: 88) do primeiro de forma mais intensa, bem como o seu conhecimento dos intertextos que enriquecem a caracterização da Macau de finais do século XVIII e conseqüentemente a leitura de *CBP*.

Símbolos como o *Chinese Pidgin English* e o divã atrás do qual Martha se refugia numa atitude defensiva, por oposição ao mar no momento da sua libertação, caracterizam o espaço ‘etnográfico’ ou histórico da urbe, uma vez que também as gelosias ou rótulas das janelas são imediatamente associadas à arquitectura portuguesa, servindo para proteger o interior das casas do calor e de olhares indiscretos. As *swing doors*, ou portas de espaldar, nunca completamente abertas nem fechadas, acabam por substituir a escuridão para marcar o meio termo do percurso da protagonista e a conquista do espaço público implícita na enumeração gradativa do final do texto: “On the great sea-in those places-to the world! My name!” (313). O facto de a dimensão feminina do romance ser preponderante sustenta a simbologia do título da obra, pois se o termo *City* remete para o espaço geral e físico da acção, a expressão *of Broken Promises* aponta para a crítica da moral inglesa, que apenas a voz feminina e a distanciação temporal possibilita, ou seja, o elemento paratextual chama a atenção para a situação histórica das diferentes comunidades da Macau setecentista no seio das quais Martha e Thomas são excepções, na medida em que as promessas deste à mulher chinesa acabam por ser cumpridas. Os motivos literários reiterativos tornam-se também elementos-chave da obra, sendo

enfaturados, por exemplo, através da anadilopse que destaca os dois poderes em confronto em Macau: “and a [Portuguese] watchforce. But then it is said, the Chinese too have a watchforce” (7), demarcando o discurso repetitivo um dos temas mais importantes, a vivência de Martha e das mulheres anónimas do território, pelo que encontramos, duas vezes, o recurso à *scesis onomaton*, exprimindo ideias através de contínuas expressões sinónimas, numa das vezes associadas à gradação (“Baby-little girl-young girl”, 23”) na fala de Thomas, que inicialmente considera Martha uma criança e não uma adolescente, e noutra a um processo de metaforização gradual, igualmente eufemístico, que caracteriza as amantes abandonadas pelos oficiais ingleses (“these mistresses, these half-wives, these women of the shadows”, 34).

3. “All things China fashion”: a tradição e o conservadorismo chineses face aos interesses ocidentais

For a Westerner - or for the West - to believe it is possible in anyway to influence China is chimerical [...] since China, like the sea, is adamantine, and of unchanging nature. (Coates, 1990a: 249).

O conservadorismo ou a *China fashion* (CBP: 11, 15, 17, 21-22, 35, 39, 40, 45, 67, 109, 129, 152-153, 167) de que os empregados se servem para recordar aos ingleses que se encontram no Império do Meio e devem respeitar os costumes locais torna-se uma referência constante ao longo da caracterização da personagem colectiva chinesa. Earl H. Pritchard (2000:107), ao descrever as principais dificuldades das relações entre britânicos e chineses, menciona a forma como o Império do Meio olha negativamente para todos os ‘bárbaros’ estrangeiros, sobretudo os que não respeitam a sua tradição, atitude relacionada com o constante apelo dos chineses ao *China way* e a sua incessante resposta em *Pidgin English* (“Me no thinke so”) junto dos ingleses, sendo o conservadorismo chinês referido por inúmeros viajantes anglófonos.

Ao chegar ao enclave no início da acção de *CBP*, Thomas é confrontado com o *modus vivendi* corrupto dos ingleses e com o forte apego chinês à tradição, ou seja, o *China way*, conceito recorrente e que caracteriza os empregados conservadores, compreendidos cada vez melhor pelo sobrecarga, como o narrador enfatiza através da comparação e da repetição reforçada pelo expletivo: “*This was China fashion, it seemed; and China fashion was in its own way as ritualistic as the East India Company sitting down to supper.*” (35) Na primeira viagem comercial a Cantão, Van Mierop apercebe-se do quão pouco conhece o misterioso Oriente e a sua própria casa: “*an extraordinary way of life, with conventions entirely its own [...] demanding special adaptation, special recourses.*” (34). Os ocidentais, em permanente conflito com as autoridades mandarínicas, são frequentemente informados que não podem mudar nem ignorar a velha ordem inalterável, a *China fashion* (11, 15-17, 21-22, 35, 40, 45), expressão-chave que sugere, indirectamente e de forma económica, a vivência e os valores do espaço cultural chinês e complementam os detalhes psicológicos e sociais do quotidiano das personagens e da descrição da civilização sínica, nomeadamente os sons, o vestuário, as cores e as práticas religiosas, entre outros sistemas de comunicação não verbal que atribuem um maior grau de realismo e cor local à narrativa. Já os tiques e gestos espontâneos como o sorrir, tossir, fumar, suspirar e vestir conferem um efeito cénico à acção e concorrem para a caracterização indirecta das personagens, bem como dos seus estados de espírito, assim materializados exteriormente.

A repetição de expressões e termos denominados de *cultural code words* (Mente, 1996: xv) como *China way/fashion* enfatizam o processo de adaptação do recém-chegado a Macau e o seu respeito pela cultura e pelos valores chineses. Tal como o Oriente, também Martha é inicialmente uma misteriosa presença para o sobrecarga, que cedo se apercebe da necessidade de manter a sua casa em ordem, princípio vital para os chineses, sendo esse tema constante entre os empregados sínicos, que apenas trabalham de forma eficaz tendo como suporte a hierarquia de funções e os estatutos designados pelo mestre do lar ou pelo comprador. Através da temática do conservadorismo o narrador reforça a

mensagem que a protagonista aprende e que consiste no facto de existirem formas de viver culturalmente específicas, realidade essa materializada nas atitudes, crenças e nos hábitos das várias etnias e nacionalidades que interagem no entreposto, como veremos de seguida, pois o romance, através das suas estratégias narrativas e retóricas, acaba por ficcionalizar diferenças e objectos ‘etnográficos’ ao descrever o Outro.

4. “To risk loss of face”: salvar a face e defender interesses pessoais

O medo chinês de ‘perder a face’, ou seja, a honra e o prestígio social (Smith, 1894: 16-18; Yang, 1995: 140; Mente: 245-247 e Eastman: 37-38), remete para a dimensão etnohistórica de *CBP*, uma vez que o narrador associa de forma informada a moral, as crenças, as relações interpessoais, o crédito social e o *modus vivendi* sínicos. A preocupação de ‘salvar a face’ é omnipresente ao longo da acção, relacionando-se em termos simbólicos com o episódio inicial em que Martha arremessa um tinteiro à cara de Teresa da Silva, manchando-lhe a face com a tinta que cobre toda a cicatriz da portuguesa, impossibilitando-lhe novo casamento com um mercador espanhol das Filipinas, acto de revolta da adolescente perante a traição da viúva, que fica, assim, com uma marca permanente da sua falta de honestidade. São várias as referências ao conceito chinês de face, bem como à perda desta (39, 79, 100, 168, 203), acabando esse princípio moral e social por influenciar as atitudes dos europeus que tentam não perder o respeito dos empregados e parceiros comerciais nativos. Durante a crise do ópio, o narrador informa que a face do vice-rei de Cantão está em jogo e veicula a seriedade e a magnitude do episódio: “*Loss of face in China demanded retribution as perhaps nothing else did to quite the same extent.*” (168) Adquirir e manter prestígio social e honra são, pois, valores essenciais, especialmente no que diz respeito às figuras públicas, preocupação presente nas atitudes e no vocabulário de personagens ocidentais como Thomas, que teme ‘perder a face’ junto dos empregados (100).

Os dois conceitos chineses de face - *mien-tzũ* e *lien* - encontram-se presentes na

obra, referindo-se o primeiro termo à idoneidade que se consegue através do esforço pessoal, do sucesso e da ostentação, e o segundo ao respeito conquistado pela boa reputação moral e honra no seio da comunidade, assim também enriquecida (Hu, 1944: 54). Se Thomas deseja e consegue que os seus empregados e colegas o respeitem (*mien-tzũ*), Fong, após ter sido violada por Cuming, dirige-se a Martha para lhe pedir ajuda, arriscando perder a face (*lien*), sabendo a protagonista que os ingleses não se preocupam em salvar a sua honra no mundo feminino chinês ao abandonarem as amantes nativas e mães dos seus filhos bastardos, situação para a qual remete a hermenêutica do título da obra. É, portanto, simbólico o facto de Thomas pedir a Martha que case com ele para mostrarem as suas faces juntas na rua e assim assumirem publicamente a sua relação de forma digna e honrosa, sem vergonha e sem ‘esconder a cara’, destacando-se o sobrecarga ao manter a sua palavra perante a amada e os colegas da E. I. C., enquanto Martha conquista a sua face pública (*mien-tzũ* e *lien*) aquando do baptismo da embarcação *Merop* e ao buscar e conseguir um apelido europeu que simbolize a sua ‘face’ social. A consulta de dicionários e glossários do chamado dialecto cantonense dos séculos XVIII-XIX (Morrison, 1834: 1-2) permite-nos concluir que o narrador de *CBP*, ao recorrer a termos/conceitos como ‘face’, faz uso da terminologia utilizada pelos ocidentais em Cantão e Macau no século XVIII, concorrendo a dimensão linguística também para a representação da cor local da Macau setecentista. O romance de Coates assume-se assim como etnográfico ou etnohistórico através das mais variadas temáticas e estratégias literárias que veiculam ao leitor informado e competente a cor local das diversas esferas culturais e civilizacionais da Cidade do Santo Nome de Deus na segunda metade do século XVIII.

Bibliografia

ALDRIDGE, A. Owen, 1989, «Literature and the Study of Man», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*. Lubbock, Texas Tech University Press, 41-63.

AMARO, Ana Maria, 10-1965, «Vendilhões Chineses de Macau», *Geographica: Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, ano 1, 49-62.

_____, 1988, *Filhos da Terra*. Macau, Instituto Cultural de Macau.

ANGELIS, Rose de (ed.), 2002, *Between Anthropology and Literature: Interdisciplinary Discourse*. Londres, Routledge.

ASSMANN, Aleida, 2000, «Redefining the Human. A Survey of Approaches to Literary Anthropology», in Neil Roughley (ed.), *Being Humans: Anthropological Universality and Particularity in Transdisciplinary Perspectives*. Nova Iorque, Walter de Gruyter, 199-215.

BARTHES, Roland, 1974, *S/Z*. Nova Iorque, Hill and Wang.

BENSON, Paul (ed.), 1993, *Anthropology and Literature*. Urbana, University of Illinois Press.

BUZARD, James, 1997, «Ethnography as Interruption: News from Nowhere, Narrative, and the Modern Romance as Authority», *Victorian Studies*, vol. 40, n. 3, 445-473.

CABRAL, João de Pina e Nelson Lourenço, 1993, *Em Terra de Tufões: Dinâmicas da Etnicidade Macaense*. Macau, Instituto Cultural de Macau.

COATES, Austin, 1978, *A Macao Narrative*. Oxford, Oxford University Press.

_____, 1989, *Macao and the British 1637-1842, Prelude to Hong Kong*. Oxford, Oxford University Press.

_____, 1990 [1967], *City of Broken Promises*. 3ª edição, Oxford, Oxford University Press.

_____, 1990a, *Myself a Mandarin*, Oxford, Oxford University Press.

COHN, Dorrit, *The Distinction of Fiction*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1999.

COSTA, Francisco Lima da, 2005, *Fronteiras de Identidade: Macaenses em Portugal e Macau*. Lisboa, Fim de Século.

DANIEL, E. Valentine e Jeffrey M. Peck (eds.), 1996, *Culture/Contexture: Explorations in Anthropology and Literary Studies*. Berkeley, University of California Press.

DENNIS, Philip A. e Wendell Aycock (eds.), 1989, *Literature and Anthropology*. Lubbock, Texas Tech University Press.

DOMÍNGUEZ, Antonio Garrido (ed.), 1997, *Téorias de la ficción literaria*. Madrid, Arco/Libros.

EASTMAN, Lloyd E., 1988, *Family, Fields and Ancestors: Constancy and Change in China's Social and Economic History-1550-1949*. Oxford, Oxford University Press.

FERNEA, Elizabeth, 1989, «The Case of *Sitt Marie Rose*: An Ethnographic Novel from the Modern East», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*. Lubbock, Texas Tech University Press, 153-164.

FIRTH, Raymond, 1989, «Fiction and Fact in Ethnography», in Elizabeth Tonkin *et alii* (eds.), *History and Ethnicity*. Londres, Routledge, 48-52.

GEERTZ, Clifford, 1988, *The Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*. Cambridge-Massachusetts, Harvard University Press.

_____, 1989, *Works and Lives: The Anthropologist as Author*. Cambridge, Polity Press.

_____, 1993a, *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*. Londres, Fontana Press.

_____, 1993b, *Local Knowledge: Further Essays in Interpretative Anthropology*. Londres, Fontana Press.

GIRARD, René, 1997, *Literatura, mimesis y antropologia*. Barcelona, Gedisa Editorial.

GOMES, Luís Gonzaga, 1994, *Chinesices*. Macau, Instituto Cultural de Macau.

GONZÁLEZ, Eduardo, 1986, «*Taras Bulba o La Guerra Gaucha*: el payador en tiempo de novela», in Daniel Balderston (ed.), *The Historical Novel in Latin America: A Symposium*. New Orleans, Ediciones Hispamerica-Roger Thayer Stone Center for Latin American Studies, Tulane University, 109-110.

HANDLER, R. e D. Segal, 1990, *Jane Austen and the Fiction of Culture: An Essay on the Narration of Social Realities*. Tucson, Arizona University Press.

HU, Hsien Chin, «The Chinese Concepts of "Face"», *American Anthropologist*, nova série, vol. 46, n.º 1, parte 1, Janeiro-Março de 1944, 45-64.

IGGERS, 2000, George G., «Historiography between Scholarship and Poetry: Reflections on Hayden White's Approach to Historiography», *Rethinking History*, vol. 4, n. ° 3, 373-390.

ISER, Wolfgang, 1978, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*. Baltimore, John Hopkins University Press.

_____, 1993a, *The Fictive and the Imaginary: Charting Literary Anthropology*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press.

_____, 1993b, *Prospecting: From Reader to Literary Anthropology*. Baltimore, The John Hopkins University Press.

JAUSS, Hans Robert, 1982, *Toward an Aesthetic of Reception*. Minneapolis, University of Minnesota Press.

LAMARQUE, Peter e Stein Haugom Olson, 1994, *Truth, Fiction and Literature: A Philosophical Perspective*. Oxford, Clarendon Press.

LEVY, Howard Seymour, 1970, *Chinese Foot Binding*. Londres, Neville Spearman.

LONGINO, Michèle, 1997, «Politique et théâtre au XVII^e siècle: les français en Orient et l'exotisme du Cid», in Dominique de Courcelles (ed.), *Littérature et exotisme XVI^e-XVIII^e siècle*. Paris, Écoles de Chartes, 35-59.

LOW, Harriett, 2002 [1829-1834], *Lights and Shadows of a Macao Life: The Journal of Harriett Low, Travelling Spinster*, Part One: 1829-1832/Part Two: 1832-1834. 2 vols., Woodinville, The History Bank,.

MARCUS, George E. e Michael J. Fischer, 1986, *Anthropology as Cultural Critique: An Experimental Moment in the Human Sciences*. Chicago, The University of Chicago Press.

MASON, Peter, *Infelicities: Representations of the Exotic*. Baltimore, 1998, The John Hopkins University Press

MENTE, Boye Lafayette De, 1996, *NTC's Dictionary of China's Cultural Code Words*. Lincoln Wood, NTC Publishing Group.

MORRISON, John Robert, 1834, *A Chinese Commercial Guide Consisting of a Collection of Details Respecting Foreign Trade in China*. Cantão, Albion Press.

NUNES, Isabel, 1994, «The Singing and Dancing Girls of Macau: Aspects of Prostitution in Macau», *Review of Culture*, 2^a série, n.° 18, 61-84.

_____, 1998, *Vendilhões de Macau*. Macau, Instituto Cultural de Macau.

PAGEAU, Daniel-Henri, 1994, *La littérature générale et comparée*. Paris, Armand Colin.

PAINÉ, Daniel, «Diary as Kept in a Voyage to Port Jackson, New South Wales, a Short Residence on that Settlement, and Passage to China, with Return by the Way of Manilla, Batavia, and Sta Helena, Interspersed with Remarks and Observations in the Years 1794, 5, 6, 7 and 8 by Daniel Paine». Londres, National Maritime Museum - Caird Library, cota: JOD/172, *Manuscript*.

PIERSON, James C., 1989, «Mystery Literature and Ethnography: Fictional Detectives as Anthropologists», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*. Lubbock, Texas Tech University Press, 15-30.

POYATOS, Fernando (ed.), 1988a, *Literary Anthropology: A New Interdisciplinary Approach to People, Signs and Literature*. Amesterdão, John Benjamins Publishing Company.

_____, 1988b, «Literary Anthropology: Toward a New Interdisciplinary Area», in Fernando Poyatos (ed.), *Literary Anthropology: A New Interdisciplinary Approach to People, Signs and Literature*. Amesterdão, John Benjamins Publishing Company, 3-49.

PRITCHARD, Earl H., 2000, *The Crucial Years of Early Relations: 1750-1800*. Londres, Routledge.

PUGA, Rogério Miguel, 2006, *O Essencial sobre o Romance Histórico*. Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda.

RAPPORT, Nigel, 1997, *Transcendent Individual: Towards a Literary and Liberal Anthropology*. Londres, Routledge.

SAID, Edward W., 1978, *Orientalism*, Pantheon Books, Nova Iorque.

SCARPA, Marie, 2000, *Le carnaval des Halles: Une ethnocritique du Ventre de Paris de Zola*. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

SHAW, Samuel, 1968 [1784-1790], *The Journals of Major Samuel Shaw, the First American Consul at Canton*. Taipé, Che'eng-wen Publishing Company.

SMITH, Arthur H., 1984, *Chinese Characteristics*. Nova Iorque, F. H. Revell.

TEDLOCK, Barbara, 2000, «Ethnography and Etnographic Representation», in Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln (eds.), *Handbook of Qualitative Research*. Londres, Sage Publications, 455-486.

TEIXEIRA, Padre Manuel, 03-1968, «Martha Merop: Autópsia a um Livro», *O Clarim*, ano 20, n.º 87, 88, 89; 5-6, 4-6 e 5-6, respectivamente.

THOMAS, Elizabeth Marshall, 1987, *Individuality and Learning in an Ethnographic Novel*. Boston, Houghton Mifflin.

TODOROV, Tzevtan, 1982, *La conquête de l'Amérique*. Paris, Éditions du Seuil.

WHITE, O. Hayden, 1978a, «The Historical Text as Literary Artifact», in Robert A. Canary e Henry Kozicki (eds.), *The Writing of History: Literary Form and Historical Understanding*. Madison, University of Wisconsin Press, 41-62.

_____, 1978b, *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. Baltimore, The John Hopkins Press.

_____, 2000, «An Old Question Raised Again: Is Historiography Art or Science? (Response to Iggers)», *Rethinking History*, vol. 4, n.º 3, 391-406.

WHITLARK, James S., 1989, «Vonnegut's Anthropology Thesis», in Philip A. Dennis e Wendell Aycock (eds.), *Literature and Anthropology*. Lubbock, Texas Tech University Press, 77-86.

WINNER, Thomas G., 1988, «Literature as a Source for Anthropological Research: The Case of Jaroslav Hašek's *Good Soldier Švejk*», in Fernando Poyatos (ed.), *Literary Anthropology: A New Interdisciplinary Approach to People, Signs and Literature*. Amesterdão, John Benjamins Publishing Company, 51-62.

WINTERTON, Bradley, 1999, *A Season in Macau*. Hong Kong, Fairfield Books.

YANG, Mayfair Mai-hui, 1995, *Gifts, Favors & Banquets: The Art of Social Relationships in China*. Ithaca, Cornell University Press.